



((DIOGO-CAÃO))



REVISTA ILUSTRADA
— D E —
ASSÚNTOS HISTÓRICOS ANGOLANOS

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —



— SUMÁRIO —

Os Holandeses em Angola (1641-1648). — A retiráda estratégica dos Portugueses pára o Presídio de Maçangano. — Medicina indígena angolana. — A celebráda Rainha Ginga manda afogar no río Quanza o Príncipe do Reino de Angola. — Caçada de zebras. — O governador Manuel Cerveira Pereira. — O convento franciscano de S. José, na cidade de Luanda. — Contenda ingrata entre o governador Továr e o bispo Póvoas. — A agricultura e o comércio. — Insultos do Governador contra o bispo Diocesano.

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

— LISBOA — 1935 —

«DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e habilitado com o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas livrarias :

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

Em LISBOA na :

Tabacaria Neves, Rossio, 42.

Número avulso..... 3\$50

Vendem-se algumas colecções da I e II séries :

Cada uma das séries } em brochura 55\$00 ou 70,00
 } cartonada... 60\$00 ou 80,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

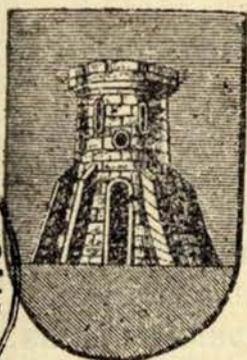
Cada série de 10 números 30\$00 ou 50,00

(Recebemos Angolares)



(Continuação da pág. 16)
por

29. — **o encontro de Sequile**



MARCADO O DIA, COM SEU séquito, estiveram à fála o nosso Governador e o Director Holandês.

Não faltaram à visita as cerimónias do estilo, como saúdes e mais cumprimentos.

A seguir, o nosso Governador *«tocou na matéria que ali o levou, em lhe largarem a cidade e pôrto de Luanda e o de que se haviam senhoreado, pelo que seria o Director Holandês e os Senhores da Bolsa*

(ou da Companhia das Índias Ocidentais) gratificados do seu gasto e trabalho...»

A' tal proposta, o Director Holandês respondeu com soberba e altivez, como quem estava de melhor partido...

Disse que pensava que Pedro César vinha pedir licença ou *«passagem pára se embarcar com a sua gente pára Lisboa, deixando-lhe Angola, de que estava de posse...»*

Por sua vez, Pedro César, velho soldádo das guerras de Flandres, repeliu nobremente as palavras activas e arrogantes do Director Holandês e desafiou-o, corpo-a-corpo.

De-párte-a páрте, uns e outros se meteram de permeio e acalmaram os dois Chefes, que nada resolveram.

Mais desavindos do que antes estavam, êles se apartaram cada qual pára o seu logar.

Apressaram-se então os Holandeses em ocupar militarmente os pórtos do Quanza e do Bengo, para cortar a comunicação da nossa gente com o Brasil e Portugal.

30. — Mudança do arraial de Quilunda

Pedro César e a sua gente não sentiam fome nem sede no arraial de Quilunda, mas o sítio não era sadio ou bom.

Estavam bem abastecidos de farinha-de-guerra; em todos os dias se pescavam milhares de cacussos, chopas, pelados, esquilões e gunges e, de quando em vez, na semana, eram abatidas rêses, que os Moradores davam pãra isso.

Frutas não faltavam: bananas, mussefos, laranjas, límas, ananâses, goiavas...

Mas... havia dia em que dos nossos soldádos morriam seis e mais!!!

Resolveu, por isso, Pedro César, depois de madura e combinada ponderação, mudar o arraial pãra outro sítio mais alto, que escolheu na fazenda de António Vieira.

Pãra dar o bom exemplo, os primeiros a mudarem-se foram os reverendos padres da Companhia-de-Jesus, largando a sua vistosa fazenda e recolhendo-se numa choupana de palha.

31. — O bispo dom Francisco do Sovral

O bom do Prelado nunca desamparou o Governador e suas ovelhas queridas, a todos consolando e encorajando nesta aflição.

Na verdade, pensou em partir pãra o Reino ou Brasil, a fim de representar o estado triste destes Reinos, mas «os Moradores se lhe foram pôr aos pés, pedindo-lhe, com muitas lágrimas, os não dessemparasse em tamanhas misérias; que a sua presença era a consolação que tinham e com isto ce-deu, porque de uns era compadre e de outros amigo e a todes amava como filhos, que geralmente tinha».

Pãra evitar surpresas, Pedro César mandou pôr sentinelas ou espías pelos caminhos fóra até o musseque de Sequile.

32. — Um boticário francês

Tinha, há muitos anos, na cidade de Luanda a sua botica um boticário francês, que também abandonou a cidade à chegada dos Holandeses. Pâra combater o desânimo e os tormentos da vida errante do sertão, faltava-lhe, como é natural, aquela ração de patriotismo e, por isso, tratou de se passar pâra os Flamengos, abandonando o arraial português.

Foi apanhado no caminho e, por tal crime, foi enforcado. Também os sobas, tendo conhecimento da Invasão dos Holandeses, começaram a revoltar-se contra o nosso domínio.

33. — Os Holandeses recebem novo refôrço

Receberam os Holandeses novo refôrço... Pedro César teve o aviso disto e *«vendo o estado em que se achava, comunicou tudo com o Bispo virtuoso e grande português e servidor de sua Majestade, com os Prelados das Religiões que com elle se achavam — Colégio dos Padres da Companhia e Convento de Sam-José, e com os que haviam sido da Câmara da Cidade, homens dos postos maiores e outros Cidadãos e Moradores principais, manifestando em conselho perante todos o aviso que tinha em como o Inimigo Flamengo vinha em demanda do Arraial com ordem de seus Maiores, com gente superior pelo socorro que pâra elle se feito lhes haviam mandado o Rei-de-Congo e o governador da Ilha-de-Luanda, e sendo mau o estado do nosso Arraial com gente mui diminuída em razão da que havia gasto o clima e hostilidade da guerra, as trincheiras do Arraial mui fracas, pâra poderem resistir a muitos embates, a câva pouco funda por falta de aparelhos pâra romper a pedra, as munições poucas pâra ter mão em muitas investidas, as casas do alojamento muito apinhadas...»* — por estas razões tôdas resolveu o nosso Governador a retiráda em forma pâra Maçangano.

Deitou fâla, prudente e leal, ao seu Povo e as suas palavras sâbias foram acatadas respeitadamente.

O zeloso Prelado também deu coragem a todos, dizendo «que mais valia morrerem entre tantas asperezas como católicos romanos do que viverem entre herejes...»

Pelo Bengo acima seguiram em canoas os doentes, até onde pudessem chegar, em razão das sêcas, que era tempo do cacimbo.

As duas peças foram enterradas. O arraial, queimado.

34. — Continua a marcha de Pedro César de Meneses

Limitar-nos-emos a copiar a narração de António de Oliveira de Cadornega, tam cheia de verdade e realçada pela precisão histórica :

— «Posto em marcha, o governador Pedro César passou pelo esteiro da lagoa de Quilunda e foi pela Igreja de Icolo e seu soba do mesmo nome, a dormir naquela noite em terras do soba Quiônzuz, levando tudo por deante, deixando só atrás a gente de cavalo, pãra servirem de atalaiã, porque tinha o nosso Governador por notícia que havia chegado ao sítio do nosso arraial de Quilunda o Inimigo.

Nisto chegaram os de cavalo com aviso de que o Inimigo vinha marchando a tôda a pressa em nosso seguimento, pelo que o nosso Governador mandou levantar ante-manhã tôda aquela gente e ordenou ao capitão-mór de cavalos viessem na retaguarda atalaiando o desígnio daquele Inimigo, pãra que o não encontrassem em campanha aberta despercebido; e veio marchando com a sua Infantaria na retaguarda, levando tôda a Bagagem dos Moradores com suas Famílias por deante com muitos trabalhos e fadigas da gente feminina, principalmente das que não tinham escravos, marchando a pé por aqueles matos e xaraviscals...

(*Contínua*).



— ... devemos advertir, que as investigações, relativas ao uso das plantas, demandam muito tempo e muita paciência...

— ... as variadas plantas do campo constituem a rica MATÉRIA MÉDICA de que usam os curandeiros...

— ... a África Portuguesa tem tido muito poucos botânicos residentes...

Conde-de-Ficalho.

POR SER CURIOSO, FOI PUBLICADO NAS páginas da revista *Diogo-Caão* este caderno de paus, ervas, raízes e cascas medicinais, que, em outros tempos, serviam em Angola para curar certas e determinadas doenças.

Destas 88 recêitas — algumas são... atádos de recêitas!!!

Não nos interessam, certamente, as qualidades ou usos científicos de tais *milongos*, ou *mèzinhas*, ou tisanas escrementícias, ou xaropes oleosos, quer vegetais, quer animais: apenas lhes damos publicidade debaixo do ponto de vista etnográfico.

Afonso Mendes, seu coleccionador, é por vezes realista a valer, mas a sua intenção ou competência a isso o obrigava.

Nas doenças do *países-baixos* dos dois sexos, substituímos por... reticências as palavras que podem ferir a vista de nossos leitores... castos e inocentes.

Na Separata, porém, que é destinada a Médicos & Farmacêuticos, ou pessoas cultas, não foi mutilada a lista.

*

Duarte Lopes, na sua *Relação do Reino-de-Congo e das Terras Circunvizinhas*, que andamos publicando, dá largas informações relativamente à farmacopeia indígena angolana, como notou o sábio professor Conde de Ficalho.

A nossa ilustradíssima colaboradora Dona Rosa Capcans apresentou, — ao *Primeiro Congresso Português de Antropologia Colonial*, reunido em Setembro de 1934 no Palácio de Cristal do Pôrto, — uma *Notícia Etnográfica sobre o Congo no século XVI*, extraída da citada *Relação* de Duarte Lopes, trabalho que foi muito apreciado por pessoas competentes.

*

Em 1623, no seu *Tratado de las siete enfermedades*, o licenciado Aleixo de Abreu descreve pela vez primeira o mal-de-Luanda ou escorbuto, e, para o curar, inventou um eficaz remédio.

Do livro de Aleixo de Abreu há dois exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa, na secção dos Reservados, com a numeração preta 1558 e 2194.

*

António de Oliveira de Cadornega, nos três tomos da sua *História Geral das Guerras Angolanas*, refere-se muitas vezes à medicina empírica dos pretos.

*

No século XVIII, o dr. João Cardoso de Miranda também se ocupou do mal-de-Luanda e indica as suas causas, sinais, prognósticos e cura, na *Relação cirúrgica e médica...*

Tanto da edição de 1741 como da de 1747, há exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa, na secção de

Ciências e Artes, numeração preta 8.945 e 14813, e numeração azul 2.661, respectivamente.

Comprámos, há dias, um exemplar da edição de 1741 por 20 escudos.

*

Luís António de Oliveira Mendes, no tómo IV das *Memórias Económicas* da Academia das Ciências de Lisboa, publicado em 1812, apresenta um importante discurso sôbre as doenças agudas e graves dos pretos angolanos...

*

Lopes de Lima, em aditamento ao capítulo III da I parte — ou seja: Clima, solo e produções — do livro III dos seus *Ensaio*s — Angola & Benguela — às páginas 32-43, Lopes de Lima, repetimos, publica a *Relação de várias plantas, raízes, resinas e cáscas do Reino de Angola com suas virtudes medicinais e químicas, — remetida à Secretaria dos Negócios de Marinha e Ultramar, em 30 de Julho de 1841, pelo Governador Manuel Eleutério Matheiro.*

São, ao todo, 57 *recêitas*, com vária matéria prima regional, a sua proveniência e as moléstias a que eram aplicadas.

*

Mais tarde, de 1853 a 1860, lá andou por Angola a estudar a sua riquíssima e quási virgem botânica o dr. Frederico Welwitsch.

*

Em livros estrangeiros, temos encontrado referências injustas contra os Portugueses, negando-nos qualidades colonizadoras e humanitárias.

Acusam-nos de ignorantes em ciências geográficas, de egoístas ou monopolizadores em assuntos comerciais e com outros defeitos ainda mais desagradáveis!!!...

Essas calúnias ou infâmias têm já merecido, de nossa parte, a mais enérgica e comprovada resposta: é claro.

Antes de Guilherme Pison no Brasil e do naturalista alemão Jorge Marcgrav, que morreu em Luanda em 1644, onde andava a estudar as condições higiénicas dos loga-

res da África Ocidental, já os Portugueses tinham estudado a Medicina tropical indiana, angolana e brasileira.

Garcia de Orta, Amato Lusitano, João Ferreira da Rosa, Aleixo de Abreu, Luís Gomes Ferreira são outros tantos beneméritos da Humanidade.

*

Presentemente, o sábio professor da Universidade-de-Coimbra — Sr. Dr. Luís W. Carrisso — entrega-se com ardor apaixonado à classificação da flora angolana, que já muito lhe deve, *in loco*.

*

Da proveniência deste Caderno, que tem umas notas a lápis e está na Biblioteca Nacional de Lisboa, do autor ou colecionador das Receitas, da própria data, se não rigorosa, aproximada — é tarefa que, um dia, havemos de averiguar, aplicando ao caso as regras práticas da investigação e da crítica interna e externa, conforme ao que ouvimos dos nossos Lentes de Paleografia, de Diplomática e de Metodologia-Histórica, aulas estas professadas no interessante Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, de que fomos aluno.

Com paciência e tempo, esperamos encontrar alguma... luz no Arquivo Histórico Colonial da Junqueira, nos códices e papéis avulsos angolanos, que em abundância ali se guardam.

O que, a respeito, nos aparecer, constará depois nas páginas da nossa revistinha *Diogo-Caão*.

*

O brasileiro, e grande Amigo de Portugal, Sr. Dr. Afrânio Peixoto, no seu livrinho — *Camões médico*, acusa Castanheda de precursor dos sábios europeus que inventaram as chamadas *doenças tropicais* ou a *medicina tropical*...

Lá tem as suas razões técnicas!

Não encabeçaremos mais estes assuntos científicos com o título impróprio, por isso.

P. P.

(RECÊITAS)

(Continuação da pág 304 da II série)

41 — Pâra faltas de...

A pedra de sevar, atando-se na coxa da perna, fá-la logo descer para baixo. No presídio de Cambambe se acham estas pedras, e muito boas para agulhões.

42 — Pâra quem lhe derem veneno

A casca do pau hassa é a mais fina contra-peçonha que há, ralada ou roçada em pedra, dando-se a beber uma oitava ou duas com água e, sendo morna, melhor será; e faz vomitar tudo quanto de peçonha estiver no estômago.

43 — Pâra dores de madre

Também serve o dito pau ou casca, dando-se a beber em água morna, na dita forma, e esta casca de pau vem do Reino-de-Congo, e é muito grosso e sôbre o pardo.

44 — Pâra dores de garganta

O pau mussunda é bom e se traz na bôca, e mastigando-se pouco-a-pouco se vai levando para baixo o sumo dêle.

45 — Pâra a esquinência

Também é bom o dito pau mussunda, usando se dêle na forma dita ou feito em pó e beber-se em água quem o não queira mastigar.

46 — Pâra quem estiver empachado do estômago

Também serve o dito pau, usando-se na forma dita e faz logo vomitar e desfazer tudo o que nele estiver; também serve de contra-peçonha.

47 — Pâra contra-peçonha

A raíz de malula, dando-se a beber em vinho, é também muito boa, ralada quantidade de duas oitavas, pouco mais ou menos.

48 — Pâra quem pisou feitiços

O dito pau ou raíz é boa, roçada em pedra com água, e do polme que sair, untando-se com êle as pernas, livra dêles.

49 — Pâra febres

Também é boa a dita raíz a beber em água, na forma acima dita, e defende o coração da malina.

50 — Pâra contra-peçonha

A raíz golamuchi também é boa, ralada, dando-se a beber com água duas oitavas, ou mastigá-la na boca e engulir o sumo dela.

51 — Pâra dores de pedra

A raíz de solo, roçada em pedra e do polme que sair, dando-se a beber em água duas ou três oitavas, é muito boa porque tem virtude de gastar a pedra e faz bom efeito ás supressões de urinas.

52 — Pâra a gota

A raíz de gongono é boa, roçada em pedra, e do polme, que sair, untar-se com ela a parte em que estiver.

53 — Pâra a gota

A raíz, digo, as tripas da cobra-carneira crua pisadas e applicadas à parte em que estiver a gota, a faz desinflamar.

54 — Pâra as inflamações dos olhos

As ditas tripas da cobra, na forma dita, postas sôbre a moleira, é bom remédio para os desinflamar.

55 — Pâra as dores de cabeça das creanças

As mesmas tripas de cobra postas sôbre a moleira, na forma dita, é bom remédio

56 — Pâra dor de ouvidos

O sumo das ditas tripas, bem espremidas, só por si ou misturadas com azeite rosado, botando-se umas gotas nos ouvidos, tira a dor.

57 — Pâra as febres

O mesmo sumo das ditas tripas, untando-se com êle o corpo, mitiga as dores dêle, procedidas da mesma febre; e, misturado com óleo de viola, faz dormir com socêgo.

58 — Para dor de pedra

A gariária, que é uma fruta que vem do Reino-de-Congo, é remédio singular, cozida, e beber-se a água dela; e também comer-se a mesma fruta a quantidade que quiserem, e sendo de manhã em jejum melhor efeito faz; e também se pode comer sem se cozer e roçada em pedra com água e se untará por fóra da bexiga.

59 — Para febres

O dente de engola é singularíssimo cordial, ralado ou roçado em pedra, e dar-se a beber a quantidade que quiserem em água de Almeirões ou em água pura, a todo o tempo que o doente quiser tomá-lo.

60 — Para dor de madre

Pós de chapéu, queimado, dando-se a beber em uma

gota de aguardente é remédio. Arruda, mastigando se e levando-se o sumo para baixo, também é remédio para o mesmo acháque; e na mesma forma serve para esquinência e contra a peçonha a dita arruda.

61 – Ajuda para quem não pode aliviar o ventre

A fuligem da chaminé da cozinha, lavada em água que fique bem negra, e coada, quantidade de uma seringa, se lhe deitará uma gota de azeite de oliveiras, e um pouco de açúcar e algumas pedrinhas de sal e morna ao fogo se tomará, que é singular para aliviar o ventre, quando se não possa fazer com outra qualquer ajuda.

62 – Para tirar dentes sem ferro

A'gua estilada de sal armónico, untando-se com ela ao dente, que quiserem tirar, miudamente e, se tiver cova, deitá-la dentro dela, facilmente se tira sem dificuldade.

63 – Para fazer vir a regra às mulheres

As ervas de artemísia são muito proveitosas, cozendo-se muito bem em uma panela com água e tirando-se do fogo fervendo, tomará os suores delas quem tiver a falta da regra ou mênstruo.

64 – Para abreviar o parto

Também servem de muito proveito os ditos suores de artemísia, e fazem lançar com facilidade as párias, havendo ocasião de perigo nelas.

65 – Para a madre

Os ditos a faz desopilar, estando metido nas virilhas; a semente da dita erva, batida três oitavas em água, também faz o mesmo efeito à madre.

66 – Para as creanças que têm lombrigas

A dita semente, tomada na forma dita, as faz lançar fóra com facilidade.

67 — Para as ventosidades

O enxarope da dita erva de artemísia é também muito admirável.

68 — Para o fogo de Santo-Antão

A erva-moura, comida com farinha, é muito boa e o faz sarar.

69 — Para as dores de cabeça

As ditas ervas, pisadas e postas na testa e fontes, são muito boas.

70 — Para as postemas que se fazem detrás das orelhas

As mesmas ervas de artemísia, pisadas com sal e postas nas ditas postemas, as faz resolver.

71 — Para as chagas das lágrimas

As mesmas ervas, pisadas e postas, são boas, e, misturadas com estêrco de galinhas, saram as pústulas das ditas chagas.

72 — Para contra-peçonha

A semente de camapu, dez ou doze grãos dela desfeita em água e bebida, é muito boa.

73 — Para inflamação do membro

A dita semente e quantidade desfeita em água, deitando-lhe uma clára de ovo batida com água rosada, e tomando-se com ajuda pela mesma via, é bom remédio.

74 — Para humores congelados sôbre os nervos

O gergelim pisado e posto sôbre êle o faz resolver, e sara as postemas também congeladas.

75 — Para queimaduras do fogo

O dito gergelim pisado, misturado com azeite de oliveiras e roçado, curando-se com êle, a sara.

76 — Para dor de ouvidos

O sumo do dito gergelim, misturado com óleo de amêndoas amargas, deitando-se uns pingos no ouvido da dor, o sara.

77 — Para acháque de pedra

O mesmo gergelim, cozido em água pura e bebendo-se em jejum, é muito proveitosa para a desfazer.

78 — Para as inflamações da garganta

A semente do dito gergelim, cozida com vinagre e mel, e tomar-se gargarejos dêste cozimento, é singular.

79 — Para dores de cabeça, procedidas do Sol

O mesmo gergelim, pisado e misturado com óleo rosado, posto na testa e fontes, é bom remédio.

80 — Para dores de cabeça, de qualquer causa

As beldroegas, pisadas com azeite rosado, postas também na testa e fontes, é bom remédio.

81 — Para quem cospe sangue

As ditas beldroegas, comidas cozidas, são de muito proveito.

82 — Para a falta de respiração

O vinagre fervido — é bom tomar-se o seu vapor; beber urina de menino — é remédio; o mesmo é beber água de tanchagem cozida; e qualquer dêles é bom.

83 — Para dor de tripas

As unhas dos porcos queimadas, de sorte que fiquem brancas, moídas, são boas, dadas a beber em água.

84 — Vários remédios para câimbras

Arroz torrado e cozido sem sal em água ferrada, e comido — é bom; também comer se arroz cozido em caldo de galinha que fique bem duro. Óleo de copaiba dado a beber. Comer ovos cozidos em vinagre, que fiquem bem duros; e uma clára de ovo batida com aguardente de cana e bater-se-lhe uma migalha de pedra-ume — é boa bebida usando-se três ou quatro vezes. Murta cozida com pedra-ume, e tomar-se em ajuda, é bom remédio pãra estancar câimbras de sangue.

85 — Vários remédios para dores de dentes

As rãs, postas no dente, mitiga a dor; a gordura delas faz cair os quebrados que estiverem gastados; enxaguando-os com vinagre quente, também mitiga a dor e aperta as gengivas inchadas; óleo de minhoca deitado no ouvido, da parte contrária, que doi o dente, sara a dor; unhas de boi queimadas e feitas em pó, estregando com êle os dentes e gengivas, as faz encarnar quando estão abalados; um grão de incenso moído, metido no dente, o faz quebrar. Corno de veado, moído, e cozidas as limaduras em vinho e postas sôbre o dente — mitiga a dor; esterco de porco, posto sôbre o dente, faz o mesmo; como também leite de cadela, esfregando com êle o dente e as gengivas; pós de corar, deitados no dente furado; uma pedrinha de sal, embrulhado em uma teia de aranha e posta sôbre o dente; se a dor fôr fria, coza-se uma cabeça de alho em água e tome-se bochechos dela.

86 — Vários remédios para dor de olhos

O sumo do palmito do tecum, untando-se com êle aos olhos, tira as cataratas e névoas dêles; o leite de cadela do primeiro pãrto, posto nos olhos, aclara a vista e também sara as névoas; o sumo de tanchagem misturado com alvaiade,

deitado nos olhos, é bom para quem os tem apostemados; leite com uma gêma de ovo batido, posto sôbre os olhos, tira a dor dêles; a urina do mesmo doente dos olhos, botando-se-lhe neles às gotinhas, faz o mesmo; também a mesma urina, misturada com mel, é bem botando-se nos olhos na mesma forma; o espinho de sumauúma, raspado em uma pedra de afiar, com uma gota de água, o polme que botar, botando se nos olhos, é cousa boa para tirar belidas; a clára de ovo com verdete bem batido, o óleo que lançar, posto nos olhos, mitiga a dor dêles.

87 — Vários remédios para a dor de ouvidos

A pele da cobra fervida em vinho, e deitando-se o vinho nos ouvidos, que purgam matérias, os sara e tira a dor quando é simples; a semente da mostarda pisada e metida em um paninho nos ouvidos, é boa para as dores e zunidos. O sumo de alfavaca de cobra, misturado com azeite rosado, lançado nos ouvidos, tira a dor. Também lavar muito bem os ouvidos com água quente e tomar neles o bafo de uma almotolia, que haja tido azeite, mitiga a dor. Como também lorna cozida em vinho. Quatro onças de óleo rosado com uma de vinagre, tudo cozido no fogo até se consumir o vinagre e lançando se as pingas nos ouvidos, é bom remédio pãra a latejadura dêles.

88 — Do dente de cavalo-marinho

Do dente de cavalo-marinho se fazem umas cõntas, que, trazidas no braço, impedem as almorreimas e, se tem dores, postas na pãrte, logo as tira.

Nóta do P. P. — ... e nada mais se contém na referida lista que para aqui foi copiada fielmente...



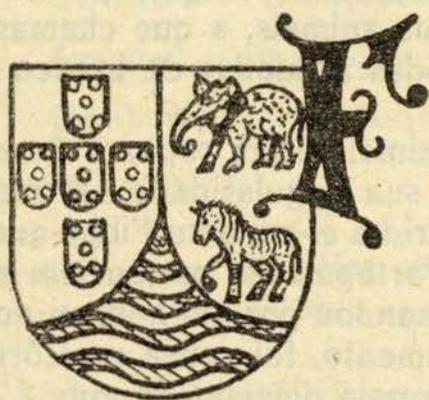
Por ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA

PRIMEIRA PÁRTE

Capítulo quarto

(Continuação da pág. 22)

33. — A rainha Ginga mandou afogar no rio Quanza o Príncipe do Reino de Angola. — *P. P.*



FALECIDO O REI ANGOLA-
-Ambande, logo se opôs a irmã
mais velha — que tinha, ou tomou
o nome de Ginga, imitando no
nome àqueles poderosos de que
falamos que tinham aquele nome,
—no govêrno do Reino de Angola,
que era o que tanto desejava, a
qual logo seguiu a sua voz o Rei-
no todo, obedecendo a por Senho-
ra; e, vendo que o filho do irmão

lhe podia servir de impedimento ao perpetuar-se no Reino de Angola, que era todo o seu desejo, astuciosamente se amigou ou abarregou com o laga Casa, tutor do Príncipe, seu sobrinho; e, estando de dentro com êle, houve o pobre inocente Príncipe à mão e o mandou afogar em o rio Quanza, como uma e outra cousa contaram seus mesmos parentes, ficando com esta maldade e tirania livre de cuidados, que o sobrinho, filho de seu irmão, legítimo herdeiro de seu irmão, lhe podia

vir a dar ; e, porque desta nova Rainha, se bem cruel a seu sangue, se há nesta história tratar dela em muitas partes, pela continuada guerra que noa fez no decurso de tanto tempo que reinou que foram muitos anos, que parecia imortal, de que se poderá fazer grande escritura, a qual se podia comparar ou ainda preferir a Semíramis, a Pantasileja, a Cleópatra e a outras Rainhas de que as histórias nos dão notícia, governando a seus vassallos à nossa opposição com valor e ânimo varonil, — pãra intelligência desta história e do que obrou contra nós esta Rainha, — se fez aqui menção d'êste seu principio, que é atrás da história, a que imos, do Reino de Angola, sendo êste o seu primeiro fundamento.

Pero Mexia, na vida dos Imperadores Otomanos fala em Cleópatra; o mesmo autor, em Silva de Vária Lição, conta da rainha das Amazonas Pantasileja.

34. Caçada de zebras e remessa para Madrid. —
P. P.

Indo o Governador João Furtado de Mendonça fazendo a guerra ao gentio d'êste Reino de Angola por si e seu capitão-mór, lhe apanharam uns animais, a que chamam **Zebras**, de tamanho de mulas, tôdas arraiadas de branco e pardo.

Vendo que o vistoso d'êstes animais eram capazes de se fazerem d'êles muita estimação por sua singularidade e fermosura, as mandou d'êste Reino a Madrid a el-rei dom Filipe que, assim como neste era já rei de Portugal, lhe pertenciam as cousas de suas Conquistas, o que mandou por um homem nobre de sua casa ; chegando a salvamento, foi cousa na Côrte daquele monarca de grande estima pela diversidade, que é o que os Príncipes estimam ; e foram tam bem aceites que a pessoa, que os levou a apresentar, veio das suas reais mãos mui bem despachado e premiado de sua jornada como ainda hoje se vêem descendentes seus possuirem algumas mercês que de seu cuidado trouxe ; d'êstes tam vistosos animais se não puderam haver outros à mão, ou falta de não haver quem os soubesse caçar, ou por êles não serem muitos os desta casta ; só está lembrado o Autor desta história que, mandando o Governador Pedro César de Meneses, antes desta cidade de

S. Paulo de Luanda ser ocupada do Flamengo, fazer diligência para que se caçasse alguns destes animais, — jámais foi possível haver algum à mão, e só lhe trouxeram as péles dos que mataram, que êle Autor viu.

Tendo posto as cousas de seu govêrno, assim de guerra como político, como de seu talento e fidalguia se esperava, deu fim a seu govêrno com muita satisfação da gente dêste Reino, Vassallos da Coroa de Portugal, assim brancos como pretos, como os sobas fidalgos.

Capítulo quinto

No govêrno de Manuel Cerveira Pereira. —

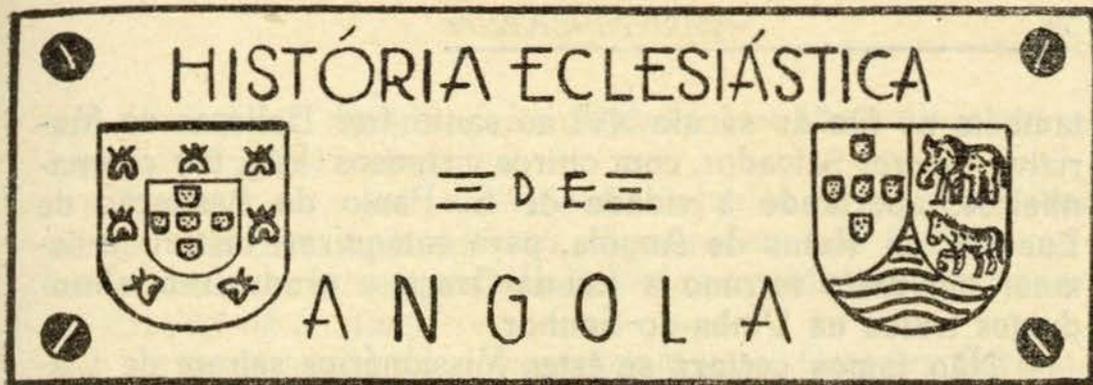
As batalhas e encontros com Sobas da
Quiçama. — O capitão-mór Baltasar de
Aragão. — Fundação do Presídio de
Cambambe. — Conquista de Benguela-
-a-Nova.

35. — Nas sempre agitadas margens do Rio Quanza. — P. P.

Éra de 1597. Sucedeu em o govêrno dêste Reino de Sebaste, Conquista da Etiópia, Manuel Cerveira Pereira, vindo despachado do Reino de Portugal por governador e capitão geral dêste dito Reino, o qual veio com socorro de gente de guerra, munições e outras cousas necessárias para prosseguir a Conquista do Reino de Angola; e, tendo posto as cousas do pôrto e vila de S. Paulo de Luanda com guarnição necessária à sua defesa, marchou da cidade por terra até o pôrto de Tombo, que fazem ser seis léguas, e ali se embarcou com tôda a gente de guerra pelo rio Quanza

acima, tendo alguns recontros com o gentio da província da Conquista e Quiçama, visitando a nossa fortaleza de Muxima, sita na dita província, socorrendo-a do que necessitava, alcançando, por a margem daquele espaçoso rio, grandes vitórias, até chegar à vila da Vitória de Maçangano, alojamento e praça de armas da Conquista; de onde mandou, por seu capitão-mór da gente de guerra Luís Ferreira Arco, fazer guerra aos sobas fidalgos da província da Ilamba, que sempre nela havia que fazer, por se rebelarem aqueles sobas já conquistados, à voz da Rainha Ginga, sua senhora, que sempre trabalhava de os contraminar em nosso ódio, fazendo-os fazer movimentos e alterações, contra os quais alcançou o dito governador por seu Capitão mór e mais Cabos de guerra assinaladas vitórias, e o mesmo obrou na mesma província pelo Capitão-mór de que então era da gente de guerra Baltasar de Aragão, com o capitão-mór de cavalos Luís Gomes Machado, tendo um e outro grandes batalhas e recontros com infinito gentio, que obstinadamente se defendiam e ofendiam, passando aqueles valerosos portugueses muitas fomes e misérias por serviço de sua Pátria e extirpação daqueles Idólatras, que não queriam vir ao verdadeiro conhecimento de Deus incitados, como dito é, da Rainha Ginga, sua senhora, que sempre trabalhava por acabar a gente Católica e explorá-la fóra do seu Reino e Dominio em que se gastou muito tempo em esta Conquista da Província de Ilamba em que os sobas fidalgos poderosos, como dito é, de muitas terras e vassallos, não querendo estar quietos com a vassalagem Portuguesa por mais que experimentavam o rigor das nossas Armas e esforço portugueses, o que se não obrava da nossa parte sem muito trabalho e custa de muito sangue Lusitano.

(Continua).



BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

(Manuscrito n.º 473, côr vermelha — 39 págs.).

MEMÓRIAS
DO
CONVENTO DE S. JOSÉ
DE
ANGOLA

por frei Vicente Salgado.

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 28)



TAL ERA O ESTADO eclesiástico e secular de Angola, quando os nossos Religiosos aqui aportaram. O zêlo de converter almas ao Senhor, — que, desde o estabelecimento no Reino, fez distinguir os nossos Maiores, acompanhando os primeiros descobridores à Asia e ao Congo, aonde frei João da Costa, frei António do Pôrto, frei João da Conceição, frei António Sepúlvera e outros Religiosos prègaram a palavra do Santo Evangelho⁵, — animou

⁵ Leiam-se as «Memórias Históricas sôbre a Literatura da Congregação da Terceira Ordem», pag. e a obra «Origem e Progresso das Línguas Orientais na Congregação de Terceira Ordem...», pág. 16 e seguintes.

— «Se não parecera exceder os limites do sistema proposto, eu faria ver que, renovadas as Missões de Congo e Angola, dignos operários desta Congregação dilataram ali a Santa Lei do Evangelho com gloriosas fadigas e sacrificio de suas vidas. Frei Baltasar de S. Francisco (aliás de Marialva) e frei Luís da Assunção fundaram convento em Luanda, para dali se internarem no Sertão e catequizarem os bárbaros do Reino de Angola ; passando àquela Cidade em

também no fim do século XVI ao santo frei Baltasar de Marialva⁶ e frei Salvador, com outros virtuosos (Pág. 6:) companheiros, aportando à cidade de S. Paulo da Assunção de Luanda, no Reino de Angola, para catequizar, instruir e semear em vasto terreno a Lei-da-Graça e produzirem abundantes frutos na Vinha-do-Senhor.

Não temos certeza se êstes Missionários saíram de Lisboa na companhia do governador João Furtado de Mendonça, pelos anos de 1594, a que dá bastante fôrça Jorge Cardoso no seu *Agiolôgio* e o padre Gubernatis na passagem notada, dizendo que frei Baltasar (Pág. 7:) de Marialva levara paténte do Provincial frei Luís de Figueiredo, que foi eleito em 1592.

É, porém, certo que êstes zelosos operários não perderam tempo em executar o seu ministério apostólico que desempenharam com felizes progressos, concorrendo a Providência Divina às santas intenções dos respeitáveis Missionários, convertendo muitas almas que baptizaram, deixando ou-

1594, ajudando ainda a êstes venerandos fundadores o zeloso espírito de frei Cristóvam Gordilha...» —

No «Compêndio Histórico...» do mesmo frei Vicente Salgado, às pags. 156 e 157 :

— «Nas memórias da fundação do Convento de S. José de Angola se encontram alguns Anacronismos : Jorge Cardoso no *Ag. Lusitano*, tómo I e pag. 290, diz que pelos anos de 1600, à instância da cidade de Luanda fundaram ali Convento os Religiosos desta Ordem, sendo bispo dom frei Miguel Rangel da província de Santo António.

Os manuscritos da congregação dizem que, sendo provincial frei Luís de Figueiredo em 1603, dera licença a frei Baltasar de Marialva para fazer os contratos com a Câmara, porém êste prelado foi segunda vez eleito em 1604 ou aliás é antes em 1592.

E' certo que a fundação daquela casa (de Luanda) foi por aqueles anos...» —

⁶ A falta de Memórias exactas, de que sempre se queixaram os nossos Escritores e Cronistas, poderá muitas vezes dar ocasião de confundir a diversos sujeitos. Encontram-se ordinariamente os mesmos nomes e apelidos de santos ou de famílias nas Congregações Religiosas ; e se distinguem e diversificam as pessoas ou pelas terras ou por outras arbitrarias nomenclaturas. Êste padre frei Baltasar, umas vezes se encontra nos manuscritos chamando lhe de S. Francisco, e outras da Piedade, talvez confundindo êste respeitável Missionário e Varão apostólico com o venerável irmão converso frei Baltasar da Piedade, natural do lugar de Tamanhos, no termo de Tran-

tras os errados caminhos da maldade, por fôrça da graça e misericórdia do Senhor.

Estes bens, que desfrutavam aqueles povos e temiam perder, fez (sic) mais solícitos os moradores da Cidade, instando com os ferverosos Missionários a edificarem mosteiro na Ermida de S. José⁷.

As boas graças do governador Manuel Cerveira Pereira, as amplas (Pág. 8:) licenças do Ex.^{mo} Ordinário dom frei Miguel Rangel, da Província de Santo António, e da Câmara — mostram bem os exemplares e virtuosos costumes e são doutrina daqueles Religiosos, para o feliz e benigno efeito destes benefícios que recebiam.

Já no ano de 1606 havia comunidade capaz de satisfazer às obrigações dos ofícios eclesiásticos com agrado daqueles Povos; mas ainda continuavam as obras e concorriam as esmolas dos Benfeitores para o seu aumento.

Pelo testamento, com que faleceu o reverendo licenciado Pero Marques, feito em as notas do tabelião Francisco

coso, religioso de ásperas penitências e grandes virtudes, falecido na Pesqueira em 1611.

Sobre a Missão de Angola, deve ler-se *Gubernatis*, tomo II — *Orbis Seraphicus*, à fl. 645, número 92: — «Anno 1603. Pater Baltasar de Marialva suo a Provinciali Patre Ludovico de Marialva (aliás de Figueiredo, natural de Fonte-Arcada) per literas patentes commissarius ad haec specialiter deputatus, cum Urbis Magistratu de construendo coenobio transegit, quod citius ex oblatiis eleemosynis à fundamento ad tectum reddidit omnibus numeris absolutum Sanctissimo Patriarchae Joseph Immaculatae Virginis Deiparae Sponso consecratum; et utraque suppellectile templum ipsum, domumque sufficienter instruxit...» —

⁷ Jorge Cardoso, no *Agiológio Lusitano*, dia 30 (aliás 29) de Janeiro e no *Comentário i*), respectivamente às páginas 287 e 290:

— «i) No dia 29 de Janeiro, em Angola, no Convento de S. José de Luanda da Terceira Ordem, (comemora-se) a pia memória do padre frei Cristóvam Guardilha, por pátria eborense, que, sendo prègador e por sua afabilidade, modéstia e bom exemplo, religioso mui estimado nesta Província, por serviço de Deus e de Ordem o mandou a obediência àquele Reino na segunda Missão, que, ano 1603. a êle se enviaram de sujeitos para aumento da casa, cuja nóva foi ao varão do céu de notável alegria. As particularidades e progressos que fez naquela inculta seara com sua reformação, doutrina e prègação, nos ocultaram o descuido e falta de relações; só nos consta que em vida foi dos Portugueses e gentios venerado como Santo, e que na

Carneiro, que se conserva autêntico neste cartório de Lisboa⁸, se comprova a antiguidade dêste Convento de Luanda. Consta que, em 7 de dezembro do dito ano de 1606, determinou aquele Sacerdote que seu corpo fôsse sepultado no Mosteiro de S. Francisco, com a solenidade que a isso derem os ditos Padres e bem lhes parecer; e que êles próprios na sua casa lhe façam 3 ofícios de 9 lições; que tôda a sua fazenda, que se achar na cidade de S. Paulo de Luanda, em Mançangano e em Cambambe, a deixa ao dito Mosteiro, para a continuação de suas obras; pois da virtude, religião e exemplo de vida dos ditos Padres, (Pág. 9:) diz: confio que terão muita conta com minha alma; e, em particular, do reverendo padre Comissário frei Baltasar, meu confessor.

(Continúa).

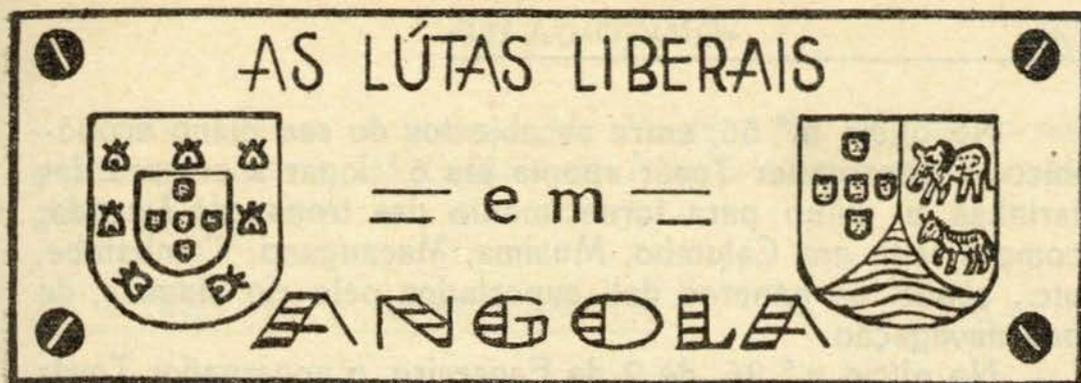
morte a suas exéquias concorreram uns e outros, e que todos com devota competência à-porfia lhe levavam o hábito ou retalhos, como joias de valor inestimável.

Comentário ao XXIX de Janeiro:

— i) Na cidade de Luanda, porto marítimo de Angola onde as nossas embarcações Portuguezas não aportar, tem casa a Província dos Religiosos Tenceiros dêste Reino, fundada pelos anos 1600, à instância da mesma cidade, reconhecida ao grande fruto, que ali fizeram alguns sujeitos desta família, sendo bispo dom frei Miguel Rangel, Capuchinho; mas os primeiros que lá passaram em comunidade com licença de El Rei foi o padre frei Baltasar de Marialva com mais 4 religiosos, onde sempre procederam com muito louvor. Frei Crístóvam Guardilha foi um dêles, que faleceu ano 1610, do qual nos deram breve notícia as relações do padre frei Pedro do Espírito Santo. De seu dia, o livro de Óbitos que imprimiu em Lisboa frei Lúcio, meritiíssimo Provincial que foi desta Província.

⁸ Armário primeiro. Casa quinta. Pasta primeira. Número sete. Documento número três.

(Temos fundada esperança de achar ainda êste Testamento, que daremos, no fim, em apêndice, pois deve ser interessante. Nas novas catalogações da Biblioteca da Academia, as equivalências são algo confusas.



Capítulo segundo

(Continuação da página 12)

11. — Planos úteis do governador

Albuquerque e Továr



O GOVERNADOR TOVÁR, NO ofício n.º 67, de 21 de Junho de 1820, participa os seus planos ao Conde-dos-Arcos da seguinte maneira:

— «Em Ofício n.º 56 de 23 de Março d'êste ano, tive a honra de participar à V. Ex.^a que pretendia mandar comprar tôda a farinha e milho para fornecimento das Tropas desta Cidade nas diferentes Províncias e Distritos d'êste Reino, próximas aos rios Quanza e Bengo, tendo em vista três utilidades: 1.^a — economia da Real Fazenda; 2.^a — aumentar a Agricultura; 3.^a — animar a navegação dos rios Quanza e Bengo. Tenho a satisfação de participar à V. Ex.^a que já dei princípio a êste estabelecimento, e vai, com muita utilidade e vantagem, preenchendo os fins indicados.

Em ofício n.º 36, datado de 2 de Fevereiro d'êste ano, participei à V. Ex.^a que o Real Trem desta Cidade náda tinha rendido dêsde o ano de 1815 até que tomei posse d'êste govêrno e principiava a ter alguma renda, como se via do documento que juntei; espero que de hoje em diante esta renda chegue para comprar quási tôda a farinha e milho para fornecer as Tropas desta Cidade, cuja despesa foi de 11.859\$832 reis na ano p. p., vindo a utilizar a Real Fazenda anualmente grande parte daquela quantia. V. Ex.^a mandará o que fôr servido.»

No ofício n.º 56, entre os objectos do seu plano económico, o governador Továr aponta em 6.º lugar a compra das farinhas e milho para fornecimento das tropas de Luanda, compra feita em Calumbo, Muxima, Maçangano, Cambambe, etc., sendo os géneros dali exportados pelo rio Quanza, de boa navegação.

No ofício n.º 36, de 2 de Fevereiro, o governador Továr dá conta da boa administração que era feita no Real Trem.

12. — A agricultura e o comércio nos Presídios

O governador Továr, no ofício n.º 121, com a data de 28 de Novembro de 1820, conta ao Conde-dos-Arcos a utilidade da navegação do rio Quanza, do seguinte modo:

— «Tenho a honra de participar à V. Ex.^a que a navegação do rio Quanza se vai frequentando, exportando-se já bastante telha, tijolo e alguma cal de pedra fabricada no Presídio de Maçangano, como também alguns objectos de comércio.

Dos Presídios de Cambambe e Muxima se tem já exportado muita farinha para municiar a tropa desta capital, cuja exportação é muito interessante a bem da Real Fazenda, como tinha calculado, e tive a honra de expôr à V. Ex.^a no meu ofício n.º 67, datado de 21 de Junho deste ano.

O estabelecimento das Canoas, que participei à V. Ex.^a no mesmo ofício, já principiou e vai produzindo os melhores resultados, tanto a bem da Real Fazenda como do Comércio.

Ainda não foi possível acabar-se o Armazém de Calumbo, mas espero que fique neste ano concluído. A exportação de farinha e milho da Província de Quilengues pelo rio Bengo se tem aumentado e hoje todos os mantimentos, que consomem as tropas, são exportados pelos dois rios Quanza e Bengo.

Em Muxima, Cambambe e Pungo-Andongo, se estão construindo os tanques para o fabrico do Anil, do qual se vai fazendo a plantação e espero um feliz resultado.

A plantação do Amendoim, Algodão, Café, Arroz etc. se vai animando ainda que a passos lentos e mui vagarosos, pois o grande e lucrativo Comércio da Escravatura, que êste ano excede a todos os outros, desanima e enfraquece todos os estabelecimentos da Agricultura; mas, havendo constância e actividade, com o tempo estou certo que se poderão conseguir felizes resultados, pois a experiência me faz conhecer a grande diferença que já se vê e observa em tôdas as Repartições deste Reino. V. Ex.^a mandará o que fôr Servido.» —

Como vêem, o governador Továr tinha alta visão do progresso agrícola da Colónia de Angola e condenava o negócio de escravos.

13. — Nuvem... ameaçadora

O governador Albuquerque Továr, melhor que ninguém, conhecia todos os problemas económicos da Colónia: a sua doença não o deixava trabalhar como queria. Para Lisboa ou Rio-de-Janeiro, com a data de 29 de Setembro de 1820, mandou o seguinte officio:

— N.º 144 — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — O desgraçado estado de minha saúde me obriga a levar à presença de V. Ex.^a a certidão, assinada pelo físico-mór e cirurgião-mór deste Reino, das doenças que tenho sofrido e soffro, desde que cheguei a este Reino; e, como não é possível restabelecer-me neste clima, rogo a V. Ex.^a a grande mercê de levar à Augusta Presença de Sua Majestade esta mesma exposição, rogando ao mesmo Augusto Senhor a Graça de me conceder licença para ir curar-me e restabelecer-me nessa Cidade, pois no estado em que estou, não posso ser útil ao seu Real Serviço nem aos Povos de que o mesmo Augusto Senhor me confiou o seu governo.

Ex.^{mo} Senhor: Eu conheço que a minha ausência poderá influir nos planos económicos e mais estabelecimentos que estou principião a fazer neste Reino e que para o futuro julgo que tantas vantagens prometem; mas, sendo do Agrado de Sua Majestade o fazer-me a grande mercê de me Conceder licença e que eu deixe tódas as Instruções e Ordens que julgar convenientes, relativas àqueles estabelecimentos a que tenho dado principio e bom regimen e economia deste Govêrno, — julgo: pouca ou nenhuma alteração se fará, e, ainda mesmo que alguma se faça, julgo que o Real Serviço de Sua Majestade ganhará muito e muito mais, se eu tiver a honra e fortuna de pessoalmente expôr à V. Ex.^a muitos objectos dignos de consideração relativos a esta Colónia, os quais pretendia desenvolver em uma MEMÓRIA que principiei a escrever deste Reino, mas a falta de saúde me tem privado continuá-la; da qual V. Ex.^a conheceria todos os estabelecimentos, descobertas, rendas, importação e exportação, assim como muitos outros artigos, desde o primeiro estabelecimento dos Portuguezes neste Reino até ao fim do presente ano.

Deus guarde à V. Ex.^a.

Sam-Paulo da Assunção de Luanda, 29 de Setembro de 1820.
Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conde-dos-Arcos.

O Governador Albuquerque e Továr era inteligente e via na sua frente uma nuvem... ameaçadora.

14. -- Documentos

No Arquivo Histórico Colonial da Junqueira, nos papéis avulsos de Angola, ano de 1820, está a seguinte nota:

— «Os Offícios do Governador de Angola do ano de 1820, com os números 39, 69, 74, 83, 85, 111 e 113 foram para o Ex.^{mo} Sr. Lopes de Lima, em Maio de 1845, para illustração dos seus escritos a respeito de Angola.»

Mais outra nota:

— «Levo o officio n.º 29 de 28 de Junho de 1820 para serviço do Conselho. Setembro, 2, de 1854. — *Mendes.*»

15. — Mais Offícios

Talvez por se terem perdido ou andarem deslocados, não conseguimos encontrar os seguintes documentos, mas apenas um resúmo de seu conteúdo ou sumário:

Offício n.º 69, — à cerca da plantação de algodão, acompanhando a cópia da Circular dirigida aos Capitães-móres e Regentes dos Presídios, relativamente à compra deste género que pode vir a ser a principal riqueza deste Reino.

Offício n.º 74, — à cerca da Junta dos Comerciantes, convocada no dia 10 de Junho de 1820, e do que nela se tratou.

Offício n.º 83, — que serve de continuação ao do número 39, de 3 de Fevereiro de 1820, dando se parte do estado dos Armazens de Calumbo, Zenza e Quilenge, nas imediações dos rios Quanza e Bengo, cujo plano se não acha já formado pelas moléstias do Governador e Capitão-General.

Offício n.º 85, — à cerca do estabelecimento de duas Companhias de Pescadores, uma na cidade de Luanda, e outra na Ilha-de-Luanda, e das providências que se deram, para não haver falta de carne de vaca e porco para fornecimento da Cidade.

Offício n.º 111, — à cerca de alguns ramos de agricultura, especialmente do anil, trigo, e arrôz; e do fardamento da Polícia para as tropas do sertão, feito de tangas; e de um armazém em Ambaca, onde se deve fiar e tecer o algodão para se fabricarem as ditas tangas.

Offício n.º 113, — que acompanha o Balancete último dos Reais Cofres, e à cerca das remessas de cêra e marfim e abatimento da dívida militar.

Lopes do Lima, à página 127 do seu III *Ensaio* — Angola e Benguela — I parte, indica os sucessos notáveis do gov. Albuquerque e Továr.

16. — Insultos do Governador contra o Bispo Diocesano

○ Bispo dom João Damasceno da Silva Póvoas, em carta de 3 de Junho de 1820, queixa-se, a El-Rei do governador Albuquerque e Továr, nos seguintes têrmos :

— «Senhor: Com o mais profundo respeito chega à presença de Vossa Majestade o Bispo de Angola a representar, no meio do maior vexame e amargura, os insultos que tem sofrido do actual Governador.

É para pasmar que sendo o actual Governador um homem sem Religião, sem carácter nem probidade, pois, desde que aqui reside, só foi à Igreja nas exéquias da augusta Rainha de Espanha, que Deus haja em glória, celebradas a 23 de Outubro do ano passado, nunca mais aparecendo em Igreja, sendo convidado pelo Senado e por particulares para várias festividades, não aparecendo um só dia da Semana-Santa na Cathedral, nem em alguma outra Igreja, no que me scandalizou bastante, não aparecendo na Cathedral ao *Te-Deum* nos felizes anos de V. Majestade, depois de nos fazer esperar imenso tempo; não aparecendo na Procissão de *Corpus Christi*; deixando, enfim de ouvir Missa, como me asseveraram alguns Capelães fidedignos, pois que, tendo Missa em casa por cerimónia, é só para creddos, porque elle nunca a ouve, sectário certamente dèsses perversos princípios que tanto têm denegrido nossos dias, e que têm chegado a amarrotar a túnica inconsútil da Espôsa-Santa; affectando moléstias de manhã, mas passeando tôdas as tardes de carrinho, comendo além disso torpezas e desenvolturas que a decência e o respeito me proíbem narrar e que provam com tôda a evidência que as moléstias, que inculca, são tôdas simuladas.

Retirei-me de sua amizade, não faltando, contudo, naqueles dias em que a política e o dever me obrigam a aparecer-lhe, porque conheci logo o seu modo de obrar, e que eu nem devia aprovar semelhante conduta, principalmente em um país, aonde a Religião é bem pouca, e esta mesma vai a desaparecer com o mau exemplo do Governador, porque aqui o Governador é Bispo, é Ouvidor, é Juíz-de-Fóra, é tudo e os habitantes reconhecem esta única autoridade, a ela dirigem os seus requerimentos e elle tudo despacha sem lhe competir muitas vezes despachá los, causando, por isso, um grande transôrno.

Retirei-me com tôda a política, mas o Governador, que tem um génio turbulento, pois tem posto na maior desordem esta Colónia,

não deixou de reparar nesta minha separação, e, persuadido talvez de que seu capricho estava ofendido, não tem perdido ocasião de me insultar e desfeitear, apesar da minha vigilância em fugir-lhe a tôdas as ocasiões: — tudo tenho sofrido com aquela paciência e resignação que me é própria, e sofrerei tudo quanto êle quiser, até que Vossa Magestade se lembre de nós.

Vendo o Governador que por êste modo náda me inquietava, lembrou-se de publicar o Bando, que tenho a honra de levar à Presença de Vossa Magestade, que é uma diatribe formal feita à minha Pessoa, à minha autoridade e ao meu emprêgo, pois, referindo-se êle a dois bandos antecedentes de Manuel de Almeida e Antonio de Vasconcelos, verá Vossa Magestade quanto é diferente a linguagem daqueles, da dêste, aqueles dirigem-se aos negociantes, que são sempre criminosos, porque deixam morrer em suas casas escravos sem serem baptizados, não os querem baptizar quando se embarcam, apesar de meus antecessores terem fulminado censuras contra êles, do que nunca se fez caso; êste, porém, dirige-se todo contra mim, asseverando que os escravos se baptizam sem se proceder à instrução necessária servindo-lhe de aresto o facto do Bergantim Luís, a que ele chama escandaloso.

Permita-me, Vossa Magestade, que eu diga com todo o respeito que um Governador sem religião alguma, sem carácter nem probidade, mostrar-se tam escrupuloso numa coisa que lhe não compete, e não ter escrúpulo algum para cumprir os devêres cristãos — está claro que isto foi só para me insultar, fazendo publicar êste bando em um domingo, com o maior estrondo possível, afim de que todos soubessem que o Governador pode entrar na minha autoridade, e que também as coisas eclesiásticas lhe estão sujeitas, e que êle é tudo!

Desde que cheguei, tem sido meu maior cuidado em ver e examinar o catequismo que se fazia dos escravos que tinham de embarcar; assisti vários dias a êste catequismo, e conheci que os pretos, pela sua grande rusticidade, por mais que se trabalhava com êles, pouco ou náda aprendiam por ser extenso o catequismo e êles confundirem tudo; determinei que se resumisse o catequismo, que se reduzisse às menos palavras possíveis, para serem mais compreensíveis ao preto; determinei que se lhes fizesse ver, depois de êles dizerem que queriam ser baptizados, o que era o baptismo que recebiam, quais eram os seus efeitos, que se lhes fizesse conhecer a idea de um Deus que premeia e que castiga, a idea da Trindade, com uma pequena explicação dos mistérios da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, e os 10 Preceitos do Decálogo: — isto o mais resumido possível, de modo que êles compreendam, segundo a sua rusticidade e se salve a nulidade do Sacramento, mas como êste catequismo é feito na língua do país e, depois de embarcados, ninguém mais os continua a instruir, e chegando aos portos do Brasil os senhores cuidam, primeiro que tudo, em lhes ensinar o Português para os poderem entender, por isso acontece que êles se não lembrem mais do que lhes ensinaram, e só se lembrem dos tóques físicos que tiveram como a água, o sal, os Santos-Óleos; mas, como alguns negociantes estavam na posse de não baptizar os seus

escravos, tendo-os em seu poder meses sem os mandar catequizar, morrendo muitos sem ser baptizados, ou, se baptizavam alguns, era com a última repugnância, como eu os apertei para mandarem catequizar e baptizar os seus escravos, creio que requereram ao Governador como lhes pareceu e elle aproveitou logo, sem mais se informar, esta ocasião para me insultar, mas Vossa Majestade permita-me que eu diga com todo o respeito e acatamento que ofereço a minha vida se o Governador souber o que é baptismo, quais são os seus efeitos, o que é necessário para ser lícito e válido, e que catequismo é preciso para salvar a nulidade: — são matérias alheias da sua profissão, assegurando à Vossa Majestade, se elle, naquela que diz que estudou, é inteiramente hóspede, o que poderá dizer nas que absolutamente ignora, não consultando elle ninguém, pela sua soberba desmedida?!...

Se teve alguma representação, como eu supponho, devia primeiro officiar-me para eu lhe responder o que havia, e o que tinha determinado a êste respeito e fazer-lhe ver o que os negociantes obravam pela sua ambição desmarcada, e então dar as providências que lhe competiam.

Enquanto ao facto do Bergantim Luís, a que o Governador chama escandaloso, devo narrar fielmente à Vossa Majestade o que é, mas, primeiro que tudo, devo dizer que êste facto aconteceu ainda em tempo do ex-governador Luís da Mota Féo, e aconteceu uma única vez, porque me enganaram; é o facto: na véspera da saída do Bergantim Luís, trouxe o caixa para terra 20 e tantos cativos já baptizados, iscados de bexigas, para não contaminarem o resto da armação e levou iôda a tarde e grande parte da noite, segundo me disse, a procurar outros que levasse em seu logar; de manhã, veio-me pedir que lhos mandasse catequizar e baptizar a bórdo; repugnei a isto por não ser costume e haver pouco tempo, mas tanto instou que, comovido das almas daqueles pobres pretos, mandei a bórdo o Pároco e o Catequista para os baptizarem, no caso de os acharem capazes. Soube que desembarcaram às duas horas da tarde, mas soube também que se baptizaram com bastante indecência em razão da bulha, multiplicidade de gente e grande motim, por ser o dia da saída. Arrependi-me logo de o ter concedido, repreendi o Pároco e o Catequista, e protestei nunca mais cair em outra.

Eis aqui o grande facto, a que o Governador chama escandaloso; e que, acontecendo no tempo do seu antecessor, não presenciando elle outro igual no seu tempo, nem podia, nem devia servir de exemplo, mas apresenta-o no bando para mais me insultar e corroborar inteiramente sua desafeição a meu respeito.

A Santa Igreja é mãe, é pia, e supre tôdas as faltas quando algumas existem, porque só quere o bem e a salvação dos fiéis; eu tive a dita de conhecer de perto a piedade e religião de Vossa Majestade e me persuado que nunca será da sua Real intenção que os pretos arrancados do Serião, passando por uma cidade católica, aonde podem ser baptizados, e aonde existem ordens régias para o serem, se embarquem sem baptismo, expostos a morrerem, como morrem muitos, e que, ainda que haja algum defeito no catequismo

pela sua rusticidade, é melhor embarcá-los baptizados, porque, se morrerem alguns, Deus suprirá alguns defeitos que houveram porque está salvo o essencial, e este baptismo é sempre válido; e, se chegam todos a salvo, vão ser instruídos cabalmente: é esta a sã moral, que me ensina a religião, e de que estou intimamente convencido; mas o Governador no seu bando abre uma porta franca para ninguém mais se baptizar, porque se os negociantes o faziam até agora com repugnância, de hoje em diante guardam os seus escravos nas suas casas fortes, e, no dia do embarque, vão em montão à Igreja para serem catequizados e baptizados; como são muitos e é pouco o tempo, aí se embarcam sem serem baptizados, como muitos fizeram sempre e sem se poder dar remédio, porque negavam; o que é oposto à Carta Régia do Senhor Rei D. João V, de 5 de Março de 1697, e à Provisão do Conselho Ultramarino de 27 de Abril de 1719, em que se manda que nenhum escravo embarque dêste pôrto sem ser baptizado, fazendo tóda a diligência possível para isso, salvo não havendo absolutamente tempo para se poderem catequizar.

Enquanto ao exemplo que o Governador apresenta da exportação dos Escravos do Loge, Ambrís, Zaire, Cabinda e Luango — por si mesmo se destroi, porque, como o baptismo é feito na língua do país, e os capelães o não sabem, ainda que o quisessem fazer, não podiam, o que não acontece aqui aonde há Presbíteros que sabem a língua do país, há quem catequize, e há Ordens Régias para se fazer, mas creio que todo o empenho do Governador é que os escravos embarquem sem serem baptizados porque é coisa de religião, que elle não tem.

Eis os insultos que tenho sofrido, os apertos em que me tem posto o Governador, os quais tenho a honra de levar à presença de Vossa Majestade, pedindo desde já pronto remédio a este mal iminente que ameaça tantas almas, dando as providências que lhe parecerem justas, proibindo ao Governador de se intrometer na minha autoridade, que nunca o reconhecerei superior no que me compete, e que, por não fazer novidade, nem motivar escândalos, que são quasi sempre o resultado destas contestações, tenho sofrido com paciência, resignação, até que Vossa Majestade mande o que fôr servido. — Beija as Mãos de Vossa Majestade — o mais fiel e obediente vassalo. — Fr. João, Bispo de Angola.

Apesar do seu comprimento, largura e altura, tem este documento muitas informações íntimas e cheias de curiosidade. Com esta carta do Bispo está a Certidão do tal Bando.

(Continúa).



EXPEDIENTE

Como bem sabem os nossos Leitores, é medonha a crise económica que Portugal & Angola, entre si, atravessam presentemente : não podemos, portanto, continuar a remeter a nossa revistinha «**Diogo-Caão**» àqueles assinantes que nos devem as duas séries já publicadas.

Perdoamos, generosamente, a dívida àqueles que lutam já com a desgraça.

Somos também obrigados a, de-futuro, diminuir a tiragem para 500 exemplares : não daremos, por isso, números «de-borla» a ninguém.

A remessa do número 3 já será limitada.

Julho. 1935.

A Redacção.

«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

55)

A obra que o Sr. Padre Manuel Ruela Pombo está a realizar com a publicação da revista ilustrada de assúntos históricos angolanos, intitulada «DIOGO-CAÃO», — revela, a-par-de um grande interesse pela vida pretérita da nossa maior província ultramarina, um patriotismo dos mais clarividentes e louváveis, porque de verdadeiramente patriótica se pode considerar a acção benemerita dêsse illustrado sacerdote, não apenas por tornar conhecida dos seus inúmeros leitores grande cópia de documentos, uns — meio devorados, outros — na iminência de total destruição pela terrível *salalé*, mas por igual vertendo para o vernáculo muitos outros, que dizem respeito à Angola e que em línguas estranhas correm mundo ou se acham cuidadosamente guardados em bibliotecas ou arquivos estrangeiros.

É, pois, um trabalho do mais notável alcance aquele que, patrioticamente, beneditinamente, o Sr. Padre Pombo vai realizando, com um afan que é muito amor e muita dedicação pela terra portugue-síssima de Angola.

A «Sociedade Lusò Africana do Río-de-Janeiro» felicita o Sr. Padre Ruela Pombo pela sua obra de autêntica erudição e agradece-lhe, devéras reconhecida, os números até hoje ofertados à sua Biblioteca.

(Do n.º 12 do *Boletim* da «Sociedade Lusò-Africana do Río-de-Janeiro». Janeiro a Março de 1835).